

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**A RESPONSABILIDADE NO DISCURSO DO SUSPEITO: EVIDÊNCIAS DA
ENTREVISTA DO CASAL NARDONI AO FANTÁSTICO**

Jael Sânera Sigales Gonçalves
jaesanera@yahoo.com.br
Mestranda
Universidade Católica de Pelotas (UCPEL)

As idéias desenvolvidas sobre a linguagem pelo Círculo de Bakhtin contribuem para a uma lingüística que vê na enunciação epicentro dos fenômenos lingüísticos. Mikhail Bakhtin e os autores que lhe acompanham primam pela natureza social da linguagem, isto é, vêem a língua necessariamente imersa na realidade enunciativa concreta, em que o locutores interage com as vozes sociais circundantes.

O que diferencia a direção teórica do russo das propostas por outros autores é que, para Bakhtin, a língua deve ser considerada ‘em sua integridade concreta e viva’ (Bakhtin, Problemas da poética de Dostoiévski, 1997). Chama atenção, nas idéias, de Bakhtin a natureza dialógica da linguagem, segundo a qual os discursos estão relacionados historicamente uns com os outros, antecessores ou sucessores; daí resulta o elo na cadeia discursiva, tão visto nos escritos sobre a obra bakhtiniana.

Assim, os enunciados são proferidos por sujeitos dotados de historicidade e ideologia, e expressam o acento de valor dado pelo enunciador. Cada enunciado, então, é responsivo, no sentido de que o ouvinte tem uma compreensão ativa daquilo que é dito. Para Bakhtin, “toda compreensão plena é ativamente responsiva”, compreensão esta que deve ser entendida a partir da distinção entre tema e significação. Enquanto o tema é elemento único e não reiterável, a significação é repetível e estável; tal relação traz o que, para Bakhtin, é a metalingüística – o russo não abre mão da materialidade lingüística para verificar o que é exterior ao sistema, as múltiplas vozes axiologicamente acentuadas que perpassam os enunciados concretos, a língua viva.

Interessante, então, é verificar como o pressuposto responsivo do enunciado se verifica em um enunciado peculiar, com sujeitos peculiares. Trata-se da entrevista dada ao programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, pelos suspeitos do assassinato de Isabella Nardoni – pai e madrasta da menina. Ora, a responsividade já inerente a todo enunciado tem de estar ainda mais evidente na fala de suspeitos, haja vista que estão eles respondendo a acusações presumidas, da opinião pública, da polícia e da imprensa.

É relevante, então, que aqui se faça um breve histórico das circunstâncias que envolveram tal evento interacional. Em 29 de março de 2008, um fato tomou conta das cenas da televisão brasileira. Todos os noticiários pararam para anunciar a morte de Isabella Nardoni, filha de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Oliveira; a criança de seis anos caíra do sexto andar do prédio em que moravam o pai e a madrasta - Ana Carolina Jatobá -, localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo. Dias depois da morte da menina, a incoerência das informações entre Nardoni e Jatobá fez com que a polícia enquadrasse o fato como homicídio, sendo o Casal eleito, tanto pelo poder policial como pelo clamor público, como principal suspeito do assassinato.

Imprensa e população esperavam do Casal uma resposta pública, que os expusesse de vez ao julgamento da sociedade. E essa exposição, enfim, ocorreu no dia 20 de abril de 2009, quase um mês depois da morte de Isabella. Com exclusividade, o programa dominical da Rede Globo *Fantástico* destinou grande parte de seu tempo à apresentação da tão esperada primeira entrevista do Casal Nardoni à televisão.

Partindo da hipótese de que a responsividade na fala dos Nardoni ao *Fantástico* é marcada pela assimetria na relação pergunta/resposta, bem como pela reiteração de itens lexicais que tenham idéia de precisão – por estarem os entrevistados em condição de suspeição, e por necessitarem enunciar de forma a construir um alibi –, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar estratégias de responsividade utilizadas pelo Casal Nardoni na entrevista, com base em conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin. Especificamente, buscou-se verificar, na fala do pai e da madrasta da menina, recorrência de itens lexicais e o contexto discursivo em que ocorrem, e, também, observar correspondências e não correspondências entre pergunta do repórter/resposta dada.

Para atingir tais objetivos, fez-se audição e transcrição da entrevista, bem como o levantamento dos itens lexicais de maior frequência e o contexto em que ocorrem; também, fez-se o levantamento das manutenções e alternâncias de sujeito e de objeto na relação pergunta/resposta.

Quanto à reiteração lexical, chamaram atenção advérbios de tempo precisos – ‘sempre’ e ‘nunca’ – e pronomes indefinidos que exprimem totalidade – ‘todo’ e ‘tudo’. Preste-se atenção no fragmento mostrado em (1)¹.

(1)

¹ As iniciais ‘R’, ‘M’ e ‘P’ referem-se, respectivamente, a ‘repórter’, ‘madrasta’ e ‘pai’

R: Vocês estão sendo acusados de um crime grave. Como é que é suportar essa acusação?

P: Está muito difícil isso, porque sabendo como nós somos com os nossos filhos. A nossa família também, nossos amigos. Sabendo como nós somos. A gente sempre foi unido. Sempre se reunimos no fim de semana. Almoçamos juntos, jantamos juntos. Todos unidos.

M: Sempre somos família.

A reiteração de advérbio de tempo como o ‘sempre’, na verdade, exprime a relação responsiva da fala dos Nardoni. Ora, estando pai e madrasta de Isabella em condição de suspeição, deve estar o enunciado deles respondendo às acusações que lhes são feitas de forma precisa, e, para isso, fazem uso do sistema lingüístico, que lhes fornecem itens lexicais transmissores de idéias precisas.

A mesma reiteração ocorre no fragmento em (2).

R: A responsabilidade mais é da imprensa pra vocês?

P: Eu não digo responsabilidade de ninguém. Entendeu? Eu acho assim, eu não posso falar que a responsabilidade é tanto da mídia quanto a responsabilidade é da polícia. Eu não posso falar isso porque a gente ia estar fazer um julgamento também. Estão mostrando eu e minha esposa de uma tal maneira, explorando nossa imagem de uma tal maneira na televisão, que eles não conhecem a gente pra estar falando o que falam. Eles tinham que conhecer, ao menos um pouquinho, pra estar fazendo esse julgamento. Se eles soubessem como era a nossa vida. A gente vivia sempre em harmonia, sempre alegre, todos brincando. O tempo todo estávamos brincando.

M: Eu sempre estava cantando com o Pietro e a Isa. Cantando, pulando. A Isa ela adorava que eu brincasse com ela e com o Pietro. Tudo ela queria que eu fizesse pra ela. Tudo, Tudo. [Chora].

Em relação às correspondências entre pergunta e resposta na interação entrevistador e entrevistados, foram encontrados dois tipos de assimetria: assimetria responsiva objetiva e assimetria responsiva subjetiva.

A assimetria responsiva objetiva diz respeito àquela não correspondência entre pergunta do entrevistador e resposta dos entrevistados no que diz respeito ao conteúdo do enunciado. Isto é, a materialidade da pergunta não é simétrica à materialidade da resposta. O entrevistado, para atender sua necessidade enquanto suspeito, direciona sua resposta de forma a abranger um conteúdo que lhe fosse favorável.

Perceba-se isso no fragmento trazido em (3).

(3)

R.: Como vocês estão se sentindo depois da morte da Isabella, uma morte tão trágica?

M: Sofrendo muito com tudo: com o que a população fala ao nosso respeito, com o pré-julgamento e pela própria população ter condenado a gente, sendo que nós somos totalmente inocentes.

No fragmento acima, entende que a tragicidade a que se referiu o repórter concerne o sentimento de perda possível ao pai e à madrasta de Isabella, após a morte da menina. No entanto, a resposta dada por M nega tal pressuposição; revela M seu sentimento em relação à outra tragédia, ou seja, ao fato de estar sendo suspeita de um assassinato. Isso demonstra a responsividade da fala da madrasta; ora, não estava ela respondendo às perguntas de quem materialmente lhe fazia perguntas, do repórter. A natureza responsiva do enunciado, primada pelos teóricos do Círculo, faz-se primordialmente presente na fala em suspeição, pois serve de resposta a outros enunciados acusatórios que o antecederam.

Tal peculiaridade também se verifica nos casos aqui denominados de assimetria responsiva objetiva. Um fragmento é apresentado em (4).

(4)

R: O senhor alguma vez bateu na sua filha?

M: Nunca, nunca encostou na Isabella.

Convencionou-se, neste estudo, o fragmento acima como exemplo de assimetria responsiva subjetiva porque a falta de correspondência, entre pergunta e resposta, diz respeito ao sujeito do enunciado; o repórter dirige sua pergunta ao pai de Isabella, e quem responde é a madrasta. É mais uma evidência de que a responsividade referida pelo Círculo não concerne estritamente ao que a língua oferece em sua superfície.

Tem de se considerar que, ao interpolar a fala de P e responder por ele, M sente-se na obrigação de responder a enunciados anteriores. E, principalmente, chama-se atenção ao teor da pergunta: agressão física. É justamente a essa acusação que responde a madrasta frente à morte de Isabella; teria ela esganado a menina até a morte.

Então, os fragmentos das falas do Casal Nardoni em entrevista dada ao Fantástico trazem evidências de que o discurso de sujeitos em condição de suspeição pode ser explorado por estudos da linguagem. Especialmente, a noção de responsividade – histórica, ideológica, relacionada a outros dizeres – trazida por Bakhtin e seu Círculo demonstrou-se especialmente relacionada a enunciados de sujeitos suspeitos; para fazer de seu discurso um alibi frente à opinião pública condenatória, o sujeito em suspeito direciona o sistema lingüístico para causar efeitos ideológicos favoráveis. Foi o que pôde ser constatado tanto nos casos de exaustiva reiteração de itens lexicais como nos casos de assimetria – objetiva ou subjetiva.